

ENTRE DESAFIOS E APRENDIZADOS: A EXPERIÊNCIA NO PIBID COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DOCENTE E APROXIMAÇÃO COM A INCLUSÃO EDUCACIONAL

Lucianny Soares Lacerda ¹
Anderson Nascimento Vaz ²

RESUMO

O artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do IFAP, voltado à formação inicial e à aproximação com práticas inclusivas. O objetivo é descrever aprendizagens e reflexões decorrentes do ciclo formativo, com foco na inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista e na construção da identidade docente. Como referencial teórico-metodológico, adotou-se a perspectiva da educação inclusiva e da tecnologia assistiva articulada à formação docente crítica; trata-se de estudo qualitativo, do tipo relato de experiência, sustentado por pesquisa bibliográfica e registros em diário de bordo. Os procedimentos compreenderam participação em palestra sobre o direito à educação, curso on-line sobre inclusão, oficina de produção de diário de bordo e roda de conversa com o NAPNE; os registros foram analisados de modo descritivo-reflexivo. Os resultados indicam ampliação do olhar para barreiras e acessibilidade em múltiplas dimensões, reconhecimento do papel do NAPNE no atendimento especializado, fortalecimento da identidade docente e do compromisso ético, e valorização do diário de bordo como instrumento de sistematização e reflexão. Também se identificam desafios persistentes no contexto escolar (acesso, evasão, desigualdades e infraestrutura) e a necessidade de políticas e formação continuada; por outro lado, evidenciam-se a viabilidade de recursos digitais e de estratégias adaptativas mesmo em contextos com restrições, favorecendo a participação de estudantes com TEA. Conclui-se pela relevância do PIBID como espaço de articulação entre teoria e prática e pela continuidade de ações que consolidam práticas inclusivas.

Palavras- Chave: Formação docente, PIBID, Relato de experiência.

¹ Graduanda do Curso de Letras do Instituto Federal do Amapá, Câmpus Macapá - IFAP, soaresluciany@gmail.com ;

² Professor orientador: Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) - AP, anderson.vaz@ifap.edu.br ;



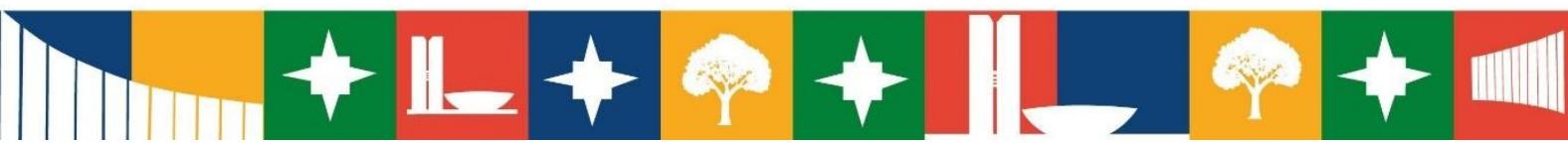
INTRODUÇÃO

O presente relato tem como objetivo apresentar as experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que visa fortalecer a formação inicial dos estudantes de Licenciaturas por meio da aproximação com o cotidiano das escolas públicas de educação básica. O programa está vinculado ao Instituto Federal do Amapá (IFAP) desde 2012. Atualmente, conforme o Edital nº 15/2024, disponível no site institucional do IFAP, em 2024 inicialmente foram disponibilizadas 216 vagas para bolsistas.

No início de novembro começamos o processo para ingressar ao programa, tivemos o envio da carta de interesse, entrevista onde expusemos nossas qualidades e principalmente destacar a importância de estar em um projeto relevante para nossa formação e conhecer um pouco da realidade escolar, desenvolver atividades que unirão a teoria à prática. Parafraseando Silva (2024), devemos levar em consideração a premissa que o PIBID impacta positivamente no desenvolvimento sócio emocional, profissional e pessoal na etapa de formação inicial e continuada.

Participar do PIBID está sendo muito desafiador, por envolver análise e estudos específicos, demanda tempo e dedicação; porém com a formação que recebemos durante cada etapa esses desafios estão sendo superados e muito conhecimento está sendo adquirido. Durante esses meses tivemos oficinas, palestras, cursos online, encontros semanais para expor as reflexões que ampliaram o olhar principalmente sobre a educação inclusiva, voltada para os alunos com Autismo. Esta etapa trouxe como principal intuito viabilizar uma forma de democratizar o saber que se produz na escola, partindo de práticas desenvolvidas pelos educandos e pelos educadores.

Para relatar pontos relevantes deste período de formação, foi escolhido como metodologia o relato de experiência, para descrever e compartilhar o aprendizado adquirido durante a oficina de diário de bordo, palestra do ciclo de formação comum do PIBID e o curso online “introdução à educação inclusiva: caminhos para equidade”. O artigo está organizado em quatro partes: introdução; fundamentação teórica sobre identidade docente e práticas inclusivas; metodologia; resultados e considerações finais.





A construção da identidade docente
IX Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

A formação inicial de professores exige muito mais que teoria, a construção de uma identidade profissional exige prática, contato com a realidade escolar. Návoa (1992) defende que a identidade docente não é um dado, mas uma construção, forjada no encontro entre formação acadêmica e experiência vivida, com participação ativa, reflexões e dialógica.

Para Rodrigues (2014) o PIBID proporciona uma formação colaborativa e situada, sendo ele o “terceiro espaço” formativo, juntamente com a universidade e a escola. Essa perspectiva ressalta a importância como ambas contribuem para a construção consistente do futuro professor na interação com o contexto escolar.

Os tópicos seguintes trazem um pouco mais sobre o que está sendo construído, eles nos ajudam a responder alguns questionamentos como, que tipo de professor eu quero ser? Como o professor deveria ser formado? Para Zargolin (2020) é importante saber como o professor é formado para refletir sobre sua própria prática e, a partir daí, será possível delimitar paradigmas e compreender a profissão docente sob as óticas de sua práxis e de sua identidade.

A prática reflexiva e o processo formativo

A construção da identidade docente exige muito além do que absorver os conteúdos teóricos, devemos refletir sobre nossas práticas em sala de aula rotineiramente. Para Zargolin (2020), a docência deve ser pensada como um processo reflexivo e contínuo, em que podemos analisar criticamente nossas ações. O uso do diário de bordo tem se mostrado um instrumento fundamental para sistematizar as experiências. Ao registrar vivências, dúvidas, percepções e aprendizados, os acadêmicos podem reconhecer o crescimento nesse processo formativo, podendo ter a percepção que as práticas estão contribuindo para a construção da identidade docente.

Para que o futuro professor possa ver os alunos e saber tornar suas aulas melhor adaptadas, flexíveis e adequadas para cada necessidade o ambiente escolar deve tornar-se um espaço de convivência, Bezerra (2021) aponta que é possível superar obstáculos com o investimento em políticas públicas, formação docente e continuada, e dar ao professor o suporte para tornar as práticas pedagógicas mais inovadoras.

As tecnologias digitais e a educação inclusiva





Nas últimas décadas, o avanço das tecnologias digitais vem transformando significativamente o cenário educacional, possibilitando a criação de novas estratégias de ensino. A criação de aplicativos educacionais que visam dar suporte no contexto de uma educação inclusiva, são uma realidade que geram acessibilidade e desenvolvimento cognitivo.

No estudo de Silva *et al.* (2021), o objetivo foi analisar aplicativos da plataforma Google play voltados à alfabetização de crianças com TEA, como “Livox”, “Lina Educa” e “Aprendendo com Biel”. Assim com sua metodologia qualitativa e comparativa, com uma análise funcional e pedagógica dos recursos os pesquisadores mostraram que os aplicativos se basearam em metodologia ABA, demonstrando eficácia na alfabetização.

Complementando essa perspectiva, o artigo de Silva e Goukart (2023) analisou alguns aplicativos educacionais –ABC Autismo”, “PictoTEA” e “TEO Autismo”. O estudo qualitativo desses aplicativos reforça a relevância dessas ferramentas no estímulo à interação social. Além disso, indicando que eles são adaptáveis e podem ser alinhados a práticas pedagógicas inclusivas. Destacam que os recursos visuais e interativos facilitam a comunicação dos alunos com TEA.

Para finalizar destaca-se um modelo computacional de apoio à inclusão proposto por Mourão *et al* (2024), o mais interessante é que essa pesquisa apóia à inclusão no ensino superior, apesar de ser uma abordagem mais técnica, essa pesquisa constrói uma proposta voltada para estratégias adaptadas conforme o perfil do aluno, essas pesquisas são de suma importância justamente na busca de garantir uma aprendizagem significativa e personalizada.

METODOLOGIA

Para a elaboração do presente relato, foram empregados recursos metodológicos de natureza qualitativa, incluindo pesquisas para embasamento teórico, desenvolvidas por meio de uma pesquisa bibliográfica. Segundo Pizzani et al. (2012, p. 54), a pesquisa bibliográfica pode ser entendida como “[...] a revisão de literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico”.

Em seguida, realizou-se a análise das atividades desenvolvidas durante o período formativo do projeto PIBID. Para isso, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, que possibilitou reunir, analisar e refletir sobre os desafios e aprendizados, alcançando o objetivo



de discutir a importância das etapas vivenciadas e registradas no diário de bordo ao longo do processo formativo do PIBID. A seguir apresento as principais atividades desenvolvidas:

1. Ciclo de Formação docente com a palestra “Direito à educação”.

A palestra destacou o papel do professor na efetivação desse direito, enfatizando a necessidade de políticas públicas que assegurem acesso, permanência e qualidade no processo educativo. O evento também foi um momento de reflexão para os bolsistas sobre seu compromisso ético e profissional com uma educação inclusiva e democrática. Durante a apresentação, foram destacados diversos problemas que ainda persistem no cenário educacional brasileiro. Entre eles a formação inicial docente para a diversidade, a implementação de práticas pedagógicas inclusivas que serão fundamentais para garantir que a inclusão se efetive no dia a dia da escola.

2. Curso online “Introdução à educação inclusiva: caminhos para equidade” disponibilizado na plataforma “Escolas Conectadas”.

Destaca a importância de reconhecer que antes da deficiência vem o indivíduo, essa é uma prioridade na conceituação de quem são as pessoas com deficiência. Uma enorme mudança ocorreu depois da aprovação da convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência (ONU, 2006).

3. Oficina “Produção de Diário de Bordo”.

A oficina teve como objetivo destacar o Diário de Bordo como um instrumento capaz de potencializar o registro e a sistematização das experiências realizadas e vivenciadas no âmbito do PIBID. Buscou-se também compreender como se organiza e se estrutura esse tipo de registro, enfatizando as partes essenciais que o compõem: objetivo, introdução, desenvolvimento (com informações sobre data, local, horário, número de discentes e de aprendizes em sala), além da descrição dos diferentes momentos das aulas, ações pedagógicas, problematização de situações, registros de falas e reflexões sobre a prática.

4. Roda de conversa com a coordenadora e equipe do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE).

Com objetivo de promover um diálogo formativo entre os bolsistas do PIBID, seus supervisores e os profissionais responsáveis pelo atendimento e acompanhamento dos estudantes com necessidades educacionais específicas no IFAP. Durante o encontro, foi possível compreender de forma mais aprofundada o papel do NAPNE na instituição, bem como os desafios enfrentados na implementação das políticas de inclusão, os métodos de atendimento adotados e as estratégias pedagógicas voltadas à promoção da equidade no ensino. Além disso, os participantes puderam realizar questionamentos e compartilhar

percepções acerca da importância do apoio especializado no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com deficiência ou outras especificidades.

Quadro 1. Relação de perguntas feitas à equipe do NAPNE durante a roda de conversa, com o propósito de compreender os desafios e práticas inclusivas no IFAP.

PERGUNTAS
1- Quais são as principais funções e responsabilidades do NAPNE dentro do IFAP?
2- Quais são os maiores desafios enfrentados pela equipe na promoção da inclusão educacional?
3- Como os bolsistas do PIBID podem contribuir para o fortalecimento das práticas inclusivas no IFAP?

Aspectos éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Amapá (CEP/UEAP), sob o CAAE 86457225.7.0000.0211. As atividades foram conduzidas em conformidade com as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde aplicáveis (CNS 510/2016 e, quando pertinente, 466/2012) e com a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº 13.709/2018), garantindo o tratamento anonimizado dos registros e a proteção dos direitos dos(as) participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A consolidação da Educação Especial no Brasil resulta de um longo processo que, somente com a concretização de políticas públicas voltadas à garantia de acesso e permanência na escola, como previsto na Constituição Federal de 1988, a educação passou a ser reconhecida como um direito universal (BRASIL, 1988). Esse é um dos marcos iniciais que assegura a igualdade e o respeito à diversidade.

A importância da formação inicial docente constitui um campo de debate ainda recente e, por vezes, pouco articulado.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) tem se configurado como um espaço privilegiado para o desenvolvimento da identidade docente. A



formação inicial precisa dialogar com os princípios da educação inclusiva, com práticas pedagógicas adaptadas que busquem superar exclusões históricas.

No dia 29 de abril de 2024, os bolsistas participaram de uma palestra como parte do Ciclo de Formação Comum do programa, com o tema “*O Direito à Educação*”. O evento ocorreu no auditório do Câmpus Macapá do Instituto Federal do Amapá (IFAP), trouxe uma abordagem profunda e esclarecedora sobre a importância do direito à educação como princípio fundamental garantido pela Constituição e pelo marco legal da educação brasileira.

Durante muitos anos, o processo de letramento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) esteve concentrado principalmente no Atendimento Educacional Especializado (AEE), estabelecido pela Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, que declara que o AEE é uma oferta complementar, responsável por disponibilizar recursos e estratégias necessárias à garantia da acessibilidade (BRASIL, 2009).

No contexto atual, dados do Censo Escolar (INEP, 2025) apontam um aumento de 44,4% nas matrículas de alunos com TEA na educação básica. Tal crescimento representa um avanço nas políticas de inclusão, mas também evidencia a necessidade de práticas pedagógicas mais adequadas às especificidades desses estudantes. Nesse cenário, torna-se essencial que os professores estejam preparados para desenvolver estratégias que garantam a participação efetiva dos alunos com TEA no processo educacional.

Durante a entrevista com a coordenação do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), foi possível compreender de forma mais concreta o papel do núcleo e os desafios enfrentados no cotidiano da inclusão. A professora responsável destacou que “o NAPNE tem como objetivo promover a inclusão educacional no âmbito do IFAP, identificando e acompanhando estudantes com necessidades educacionais específicas, solicitando adaptações curriculares e oferecendo atendimentos educacionais especializados” (PROFESSORA DO NAPNE, 2025, informação verbal).

Ao ser questionada sobre os maiores desafios enfrentados pela equipe, a docente afirmou que “entre os principais desafios estão a resistência ou o desconhecimento de alguns docentes sobre práticas inclusivas, especialmente sobre como fazer as adaptações, e o número reduzido de profissionais especializados para atender à demanda” (PROFESSORA DO NAPNE, 2025, informação verbal). Essa fala reforça que, mesmo com o avanço das políticas públicas e formações, ainda há lacunas significativas na preparação desses professores.



Em relação à participação dos bolsistas do PIBID, a professora destacou que “os bolsistas podem contribuir participando das ações do NAPNE, auxiliando nas adaptações pedagógicas, propondo atividades que favoreçam a inclusão e atuando na sensibilização da comunidade escolar”. Segundo ela, o diálogo entre os bolsistas e o núcleo é essencial para “aproximar a formação docente das práticas reais de inclusão”, contribuindo para uma aprendizagem significativa tanto dos estudantes com deficiência quanto dos futuros docentes.

Com base nesse entendimento, no curso *“Educação inclusiva: caminhos para a equidade”*, emergiram reflexões importantes: estamos realmente criando um ambiente acessível? Ou ainda existe uma concepção limitada de que acessibilidade se resume apenas a aspectos arquitetônicos? Segundo Sasaki (2005), o termo *acessibilidade* subdivide-se em arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal, e o conceito de Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) busca garantir que todas as pessoas possam participar plenamente das atividades.

O curso também destacou que a linguagem é uma ferramenta de inclusão: saber se expressar de forma adequada e dominar a norma culta é essencial, pois as palavras refletem nossos valores e percepções. Termos antes utilizados de forma natural hoje são considerados inadequados, reforçando a transição de um modelo de *integração*, em que o indivíduo se adapta ao meio, para o modelo de *inclusão*, no qual o meio se adapta ao indivíduo.

No artigo 2º da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência define pessoa com deficiência como “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (BRASIL, 2025).

Dessa forma, a expressão *“pessoa com deficiência”* constitui a forma mais adequada e respeitosa para se referir ao público-alvo desta pesquisa, conforme definido pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), ratificada no Brasil pelo Decreto nº 6.949/2009. O uso consciente da linguagem e o compromisso com a acessibilidade constituem práticas fundamentais para o fortalecimento da inclusão educacional e da dignidade humana.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

A participação no PIBID revelou-se uma etapa formativa essencial para o processo de construção da identidade docente, proporcionando uma formação inicial marcada pelo contato direto com a realidade escolar, pela troca de saberes e pelo aprofundamento teórico direto sobre a docência e a educação inclusiva. As ações formativas vivenciadas, como oficinas, palestras, roda de conversa e cursos, contribuíram de maneira significativa para o fortalecimento de identidade docente, promovendo reflexão sobre o papel do professor, os desafios da inclusão escolar e o uso de recursos pedagógicos inovadores, como o diário de bordo e as tecnologias assistivas.

O relato evidenciou que a formação docente, quando pautada na articulação entre o tripé da educação, favorece o desenvolvimento de uma postura crítica e ética sobre as demandas educacionais contemporâneas. Além de ampliar meu olhar para as necessidades dos alunos com TEA e a importância de uma formação docente contínua e reflexiva, esta trajetória evidenciou em múltiplas dimensões, compromisso ético e planejamento pedagógico intencional. Diante disso, reforça-se a relevância do PIBID como espaço de articulação entre teoria e prática e a necessidade de mais estudos que investiguem a eficácia das tecnologias no processo de ensino aprendizagem de alunos com deficiência. Que essas experiências possam inspirar novas práticas e pesquisas voltadas à construção de uma escola mais equitativa, acessível e acolhedora para todos.

Diante disso, este artigo tem a intenção de refletir sobre as aprendizagens relacionadas à inclusão de estudantes com TEA com o objetivo de descrever as práticas e vivências ao longo do ciclo formativo e também as contribuições atribuídas ao Núcleo de atendimento às pessoas com necessidades educacionais específicas (NAPNE). A vivência no PIBID tem proporcionado experiências significativas para a construção da identidade docente e a metodologia qualitativa adotada permitiu sistematizar as reflexões sobre os momentos vivenciados, permitiu a imersão crítica e reflexiva sobre as práticas inclusivas, a inclusão escolar, a importância do uso de ferramentas formativas como o diário de bordo, permitiu desenvolver um olhar mais atento às realidades escolares.

REFERÊNCIAS



BRASIL. CAPES. **Pibid – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 17 abr. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 06 jul. 2025.

Bezerra, Narjara Peixoto Xavier. B574p Políticas públicas e a formação continuada de professores na Rede Municipal de Ensino do Crato-CE/ Narjara Peixoto Xavier Bezerra. – Crato-CE, 2021. 178p.

CARNEIRO da Silva, V. M., & Carthery Goukart, M. T. (2024). **Análise de Aplicativos digitais no Treino das Habilidades Comunicativas e Sociais de Crianças com o Transtorno do Espectro Autista.** *Revincluso - Revista Inclusão & Sociedade* , 4(1). <https://doi.org/10.36942/revincluso.v2i1.846>

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Brasília, 23 abr. 2025. Atualizado em 30 jun. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/censo-escolar/crescem-matriculas-de-alunos-com-transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 5 nov. 2025.

MOURÃO, Andreza B. *et al.* **MEITEA:** Modelo Educacional Inclusivo desenvolvido para orientar e recomendar estratégias educacionais e adaptações para Estudantes com TEA no Ensino Superior. Rio de Janeiro/RJ. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2024 . p. 106-117. DOI: <https://doi.org/10.5753/wpci.2024.245645>.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente.** In: NÓVOA, A. (Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Nova Encyclopédia, 1992.

PIZZANI, L. *et al.* **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento.** RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53–66, jul./dez, 2012.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Márcio Uriel. **Potencialidades do PIBID como espaço formativo para professores de matemática no Brasil.** 2016. 541f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Rio Claro. 2016.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão:** acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SILVA, Danielle Alves da *et al.* **Tecnologias assistivas para alfabetização de crianças com TEA:** uma análise de aplicativos da plataforma Google Play. *Anais do Workshop de Informática na Escola (WIE)*, v. 27, n. 1, p. 814–823, 2021. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/wie/article/view/17853>. Acesso em: 3 jul. 2025.

ZARGOLIN, Paulo Ricardo. **Formação docente para práticas reflexivas no ensino de ciências.** 2020.